

---

## Potencialidades de um jornalismo ambiental transmídia em tempos de crise climática<sup>1</sup>

Alíria Priscilla dos Santos ARISTIDES<sup>2</sup>

Katarini Giroldo MIGUEL<sup>3</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande (MS)

### RESUMO

O trabalho apresenta uma reflexão teórica sobre as possibilidades narrativas no jornalismo ambiental, com foco na comunicação transmídia, para propor pautas que alcancem a consciência ecológica e o estímulo à mudança de comportamento. O trabalho toma como ponto de partida a existência de potencialidades em experiências jornalísticas transmidiáticas com intuito de envolver o público, ampliar o alcance da mensagem e promover uma cobertura mais adequada, especialmente da crise climática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo ambiental; transmídia; crise climática; ciberjornalismo.

### Introdução

Em consonância com o contexto social marcado por profundas e velozes modificações que acompanham o ritmo da efervescência de tecnologias e ferramentas, o jornalismo também se reconfigura continuamente. Como forma de se revitalizar, pode incorporar as potencialidades advindas das diferentes mídias, onde elementos podem ser recombinados e reorganizados, as operações automatizadas e os conteúdos são personalizados e interativos (Manovich, 2005). Entre as experimentações jornalísticas possíveis a partir das novas mídias, está a transmidialidade, constituída a partir de conteúdos descentralizados e autônomos, que compõem uma narrativa em constante expansão e com diversas entradas (Martins *et al.*, 2017).

O Jornalismo Ambiental (JA), para além de uma especialização jornalística, pode se beneficiar ao experimentar as possibilidades digitais transmidiáticas. A prática, ética e estética do JA propõe-se a captar, produzir, editar e circular informações de cunho ambiental e aciona uma visão baseada na relação sociedade-natureza, visando a tomada

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP “Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente”, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS, bolsista CAPES, e-mail: [aliria.santos@gmail.com](mailto:aliria.santos@gmail.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: [katarini.miguel@ufms.br](mailto:katarini.miguel@ufms.br)

---

de consciência ecológica (Bueno, 2007). Seu fortalecimento se mostra crucial diante de desafios contemporâneos como o avanço da crise climática. Em geral, a cobertura produzida pela mídia hegemônica carece de contexto e profundidade, falhando em apresentar perspectivas diversas e soluções (Modifica, 2022). Tais possibilidades podem comprometer a precisão, a compreensão pública e a eficácia da cobertura climática.

Este resumo apresenta os potenciais da transmidialidade a serem explorados pelo Jornalismo Ambiental na cobertura da crise climática, com abordagem de revisão bibliográfica e reflexão teórica com foco nas iniciativas jornalísticas em rede.

### **Jornalismo ambiental e as narrativas transmidiáticas**

A internet e as novas mídias são terrenos férteis para o estabelecimento de práticas jornalísticas ativistas, como o JA, que se constitui atrelado a movimentos sociais. A análise das práticas jornalísticas ambientais em rede evidencia uma adaptação ao ciberespaço, onde ganham novos contornos, ampliam seu alcance e mobilizam novos públicos. Levando em consideração que as pessoas “só podem desafiar a dominação conectando-se entre si” (Castells, 2013, p. 199), explorar as possibilidades comunicacionais do ciberespaço é um processo fundamental na mobilização social. As mídias são, historicamente, ferramentas de mobilização e legitimação de movimentos sociais, de modo que “a tecnologia e a morfologia dessas redes de comunicação dão forma ao processo de mobilização e, assim, de mudança social, ao mesmo tempo como processo e como resultado” (Castells, 2013, p.158).

A transmidialidade de conteúdos é uma das possibilidades oferecidas pelas diferentes mídias, que possuem características como o estabelecimento de narrativa multiplataforma e participativa, com a possibilidade de diversos pontos de entrada no universo informativo, assim como o estabelecimento de navegabilidade de acordo com o público, que participa ativamente da sua construção e expansão (Jenkins, 2009). Martins *et al.* (2017) ressaltam que o jornalismo transmídia “consiste em um complexo sistema de fluxos de produção e distribuição de conteúdos, marcado, sobretudo, pela natureza multiplataforma e pela interação com o público”, onde o caráter descentralizado permite tanto a imersão na narrativa quanto a expansão dos conteúdos, que se constituem de forma autônoma. Conforme proposto por Martins (2021, p.9), produções transmidiáticas têm o potencial de “promover o engajamento, convidando o público a aderir (a suas causas),

---

participar (de suas lutas) e promover suas ideias por meio do espalhamento e de outras ações”.

Com uma perspectiva transversal, o JA visa a tomada de consciência ecológica, fundamental “para imprimir um olhar cuidadoso e comprometido com a defesa da vida em todas suas dimensões” (Girardi, 2018, p.21). As produções buscam abarcar um olhar complexo, sistêmico e transversal aos assuntos abordados, incluindo causas e consequências. É uma abordagem jornalística que se propõe a ir na contramão do produzido pela mídia hegemônica, que fragmenta e dificulta o estabelecimento de percepções amplas sobre as problemáticas apresentadas (Modifica, 2022).

No cerne da especialização ambiental do jornalismo, estão questões como conscientização crítica para compreensão dos desafios ambientais, incentivo à participação ativa do público na busca por soluções por meio do diálogo, contextualização dos assuntos apresentados, inclusão de diferentes perspectivas, engajamento na prática jornalística e o estímulo à ação e mudanças (Girardi *et al.*, 2023). Percebemos assim que “o jornalismo ambiental pretende justamente promover a troca, a mudança, a interação. Logo, a comunicação transmídia pode, em tese, surtir mais efeito” (Barboza; Silva, 2022, p.28).

Com base nesses pressupostos do JA, é que observamos certa oportunidade para a multimídia, a partir do caráter modular, com elementos constituídos independentemente, mas que podem ser combinados e organizados de formas diferentes para criar experiências mais complexas, oferecendo interatividade, imersão e personalização (Manovich, 2005). Neste sentido, é possível planejar iniciativas mais envolventes e produzir conteúdos ambientais aprofundados, de modo a explorar o “entrecruzamento com questões sociais, culturais, políticas, econômicas, históricas, entre outras” (Gern; Lima, 2018, p.28).

Aqui, é importante frisar a necessidade de experimentação em um processo de “tentativa e erro”, onde diferentes formatos são testados na busca por interação, reação e repercussão do conteúdo divulgado (Braga, 2012), de modo que o jornalismo ambiental “cumpra suas funções de informar, educar e de se posicionar na defesa da preservação da natureza” (Cardinalli *et al.*, 2018, p.4).

## **O potencial transmidiático em tempos de crise climática**

---

As mudanças do clima em curso são um dos principais desafios já enfrentados pela humanidade, caracterizada pela alteração no clima a nível planetário decorrente de ações antrópicas que impactam a composição da atmosfera terrestre (Miceli *et al.*, 2020). Apesar da temática ambiental ter cada vez mais destaque na mídia, ainda há diversos desafios a serem enfrentados para que a cobertura climática se adeque à seriedade do problema.

O jornalismo hegemônico costuma focar as mudanças climáticas a partir da ocorrência de desastres e eventos climáticos extremos (Modifica, 2022). Como consequência, “a dependência de acontecimentos que lembram que estamos imersos em uma emergência climática acaba por prejudicar um trabalho sistemático por parte dos jornalistas” (Loose, 2021, p.32). Outro ponto recorrentemente perceptível é a presença de abordagem científica rebuscada e apresentação da pauta de forma fragmentada, o que gera distanciamento do público, assim como dificuldade de assimilação das causas e consequências de um assunto que já é de difícil visualização devido às suas proporções (Modifica, 2022).

Notamos também a ocorrência de abordagens espetacularizadas e alarmistas, que “parecem querer chamar à atenção a qualquer custo, trocando a explicação e análise por estratégias que fomentem as emoções, como o medo” (Balbé, Loose, 2020. p.42). Apesar de chamar atenção, a cobertura climática sensacionalista não contribui com propostas construtivas, preventivas, adaptativas e busca por soluções. Pelo contrário, podem gerar inação ou apatia do público.

Neste contexto, o jornalismo assume protagonismo pelo seu papel social e potencial transformador caso explore a temática de forma adequada. A transmidialidade pode ser uma das possibilidades a ser experimentada de modo a alcançar seus objetivos de “informar e educar as pessoas sobre a problemática climática, o de buscar envolvê-las para que exerçam sua cidadania, e o de promoção para que haja mudanças individuais (...) que se estenderia para a transformação de normas, valores e ideias” (Modifica, 2022, p.19). Características da transmidialidade, como interatividade e imersão, que se concretizam por meio de elementos como jogos, vídeos, imagens, infográficos e produções em redes sociais, podem colaborar neste sentido, uma vez que “proporcionam experiências sensoriais e interativas que podem contribuir com a sensibilização do

---

público e conscientização devido à presentificação gerada no receptor em contato com essas realidades” (Miguel; Fraiha, 2019, p.305).

No contexto das mudanças climáticas, as narrativas transmidiáticas podem colaborar ao transformar a recepção em uma experiência sensorial que potencializa o despertar ativista, uma vez que, por meio do envolvimento e da “sua afinidade com os valores, causas e ideais dos coletivos, o público pode sentir-se parte desse projeto” (Martins, 2021, p.7). Para Gaudenzi (2017), a interatividade vai além do instrumental ao permitir uma cultura estética e transformações políticas. Assim, além de cativar o público por meio das oportunidades de performance narrativa, tem o potencial de incentivá-lo a participar ativamente e questionar as estruturas sociais por meio da descentralização de conteúdos. Neste sentido, ao se considerar características da transmidialidade como o espalhamento, continuidade e multiplicidade de conteúdos (Canavilhas, 2018), o público assume papel ativo por meio de comentários, mixagens, novas produções e compartilhamento de conteúdos (Martins, 2021), o que contribui para a inserção de novas perspectivas e para que o assunto se diversifique e perpetue.

Outro ponto que caracteriza as produções dentro da especialização ambiental é a busca por abarcar causas e consequências de maneira responsável, o que é fundamental na cobertura da crise climática. Aqui, é necessário levar em consideração a complexidade, vastidão e gravidade do fenômeno, fatores que “contribuem para que a sociedade ainda encare as mudanças climáticas como uma abstração” (Loose, 2021, p.13). Pensando nisso, as informações devem explicar conceitos científicos agudos de maneira acessível, ajudando o público a compreender as causas, os efeitos e as soluções (Modifica, 2022). A partir da análise da distribuição transmidiática em uma iniciativa jornalística ambiental, Silva, Pasuch e Oliveira (2023) apontam que explorar o potencial de cada plataforma permite o aprofundamento e contextualização de conteúdos, contribuindo assim para melhor compreensão do assunto abordado.

A evidência dada às experiências locais também é um importante recurso para qualificar a cobertura climática, de modo a destacar histórias e impactos regionais que se conectam à realidade global. Com a cultura participativa, decorrente de possibilidades midiáticas e informacionais horizontais, “os públicos estão se fazendo nitidamente presentes ao modelarem ativamente os fluxos de mídia” (Jenkins, 2009, p.30), o que pode ser um recurso fundamental para incluir novas visões de mundo às narrativas jornalísticas.

A produção jornalística sobre mudanças climáticas pode não apenas informar, mas também incentivar mudanças de atitude. Cabe evidenciar que as mudanças passam pelo nível individual, onde o jornalismo pode apresentar alternativas para mitigação e adaptação (Loose, 2021). No entanto, o cenário vigente é “resultado de uma crise do modelo de desenvolvimento capitalista e colonialista adotado a partir da modernidade, sustentado pela superexploração da natureza” (Loose, 2021, p.13). Portanto, um olhar crítico para a questão, estimulado pela informação, pode direcionar as cobranças e ações concretas para aqueles que efetivamente são os principais causadores do colapso climático e, além disso, lucram com a crise implantada (Modifica, 2022).

Uma das iniciativas que integra nossos estudos empíricos é o eixo temático “Justiça do Climática”, desenvolvido no site da organização ambientalista *Greenpeace* Brasil (<https://www.greenpeace.org/brasil/informe-se/justica-climatica/>). Ali já notamos, preliminarmente, farta experimentação jornalística transmidiática com vídeos, montagens imagéticas, campanhas de mobilização, articulação com redes sociais, pautadas por textos críticos, contextualização do cenário vigente e discussões sobre solução e adaptação a partir de mudanças sociais, econômicas, políticas e ambientais, que são cruciais para se lidar com tamanho desafio. Planejamos nos próximos estudos nos aprofundarmos no potencial de tal plataforma.

## REFERÊNCIAS

- BALBÉ, A. D., LOOSE, E. B. Jornalismo, medo e alterações climáticas: articulações possíveis para pensar o enfrentamento dos riscos climáticos. **Observatório (OBS\*) Journal**, n.2, v.14, p. 38-55, 2020.
- BARBOZA, E.; SILVA, A. (Barboza; Silva, 2022, p.28). Comunicação transmídia: novas narrativas para o jornalismo ambiental. **Ciências da Informação e comunicação em diálogo**, v.1, p. 22-32, 2022.
- BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 15, p. 33-44, 2007.
- BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M.; JANOTTI JUNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). **Mediação & Mídiação**, 1 ed. Salvador/Brasília: EDUFBA/COMPÓS, 2012, p. 31-52.
- CANAVILHAS, J. Journalism in the twenty-first century: To be or not to be transmedia?. In: **Journalism and Ethics: Breakthroughs in Research and Practice**. IGI Global, 2019. p. 842-855.
- CARDINALI, M. A. ; SILVA, I. F. ; HOLOUKA, I. ; FERREIRA, J. P. ; TEIXEIRA, N. A.; ARANHA, A. S. Novos Recursos de Linguagem no Jornalismo Ambiental. In: **XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2018, Belo Horizonte/MG. Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste: Desigualdade, Gêneros e Comunicação, 2018.
- CASTELLS, M. **Redes de Indignação e Esperança – movimentos sociais na era da internet**. Editora Zahar: Rio de Janeiro, 2013.

- GAUDENZI, S. **The Living documentary: From representing reality to co-creating reality in digital interactive documentary.** GOLDSMITHS Reserch Online, 2017.
- GERN, A.; LIMA, M. D. V. Aprender e ensinar o Jornalismo Ambiental. In: GIRARDI, Ilza M. T.; MORAES, Cláudia H.; LOOSE, Eloisa B.; BELMONTE, Roberto V. (Org.). **Jornalismo Ambiental: teoria e prática.** Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 25-38.
- GIRARDI, I. M. T. Um semestre muito especial: O surgimento da primeira disciplina de Jornalismo Ambiental. In: GIRARDI, I. M. T.; MORAES, C. H.; LOOSE, E. B.; BELMONTE, R. V. (Org.). **Jornalismo Ambiental: teoria e prática.** Porto Alegre: Metamorfose, 2018.
- GIRARDI, I. M. T.; MORAES, C. H.; LOOSE, E. B.; STEIGLEDER, D. G. Aproximações do Jornalismo Ambiental com o pensamento de Paulo Freire. **Ámbitos: Revista Internacional de Comunicación**, n.60, p. 134-148, 2023.
- JENKINS, H. **Cultura da Convergência.** 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.
- LOOSE, E. B. **Jornalismo e mudanças climáticas desde o sul: os vínculos do jornalismo não hegemônico com a colonialidade.** (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- MANOVICH, L. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación.** Buenos Aires, Paidós, 2005.
- MARTINS, E.; *et al.* Jornalismo transmídia: características e concepções. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO, 8º, 2017, Campo Grande - MS. **Anais [...].** Campo Grande - MS, UFMS, 27 a 29 set. 2017
- MARTINS, E. Ativismo e resistência em tempos de pandemia: as narrativas de coletivos jornalísticos sobre a Amazônia brasileira. In: SARDINHA, Antonio (Org.) **Cultura, Comunicación y Decolonialidad: agendas y escenarios de investigación en América Latina y el Caribe.** Macapá: Editora Unifap, 2021.
- MICELI, B. S.; *et al.* Mudanças Climáticas e divulgação científica: uma análise das Revistas Ciência Hoje e Superinteressante. **Ensino, Saúde e Ambiente**, Rio de Janeiro, v.13, n.1, 2020.
- MIGUEL, K.; FRAIHA, M. Jornalismo e afetos na experiência transmídia do movimento ambiental. **Revista Observatório.** V. 5, n. 4, p.280-308, 2019.
- MODEFICA. **Jornalismo e Engajamento Climático.** São Paulo, 2022.
- SILVA, C.; PASUCH, L. OLIVEIRA, F. **Cobertura indígena no jornalismo ambiental brasileiro e a narrativa transmídia do portal Sumaúma.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. Anais [...] São Paulo: Intercom, 2023.